



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Charles Dorson. — O fluido sonoro. — Notas vagas. — Concertos.
— Noticiario. — Necrologia

Charles Dorson

Na populosa phalange dos tocadores de profissão, ha os artistas privilegiados que com uma duzia de peças de concerto percorrem o mundo inteiro e ha os *servos da gleba* que, immobilizados em um determinado centro d'arte e agindo constantemente sobre um mesmo publico, se obrigam a variar o seu repertorio até ao infinito.

Os primeiros são geralmente os enfatuados, os que exclusivamente trabalham *pro gloria sua*; os outros são simples traductores das grandes obras, que pela sua intervenção quasi sempre modesta, se tornam conhecidas e amadas.

E' a esta segunda categoria d'artistas que pertence o nosso biographado d'hoje. De facto, Charles Dorson está tocando em Paris ha doze annos, dia a dia, o que significa a bagatella de quatro mil e tantos concertos, em que todo o repertorio violinistico lhe tem passado pela mão—concertos, peças de salão, sonatas, trios, quartetos, quintetos, musica symphonica—tudo a bem dizer

que se tem escripto para violino, quer como instrumento solista, quer como o mais valioso elemento da musica de conjuncto.

Já aqui fallamos nos *Concerts Rouges* e nos *Concerts Touche*, que diariamente se exhibem na grande capital franceza.

Pois é nos primeiros que Charles Dorson se escripturou em 1900, passando para os segundos quando Francis Touche transferiu as suas audições para o *boulevard* de Strasburgo. Como primeiro violino solista d'esse notavel grupo, Charles Dorson ali se tem feito applaudir diariamente, adquirindo uma rara cultura e uma facilidade de execução que todos lhe admiram.

Nasceu este distincto violinista em Périgueux, a 12 de abril de 1882, começando aos 7 annos os seus estudos de musica e aos nove os de violino, sob a direcção paterna.

Entrou em 1895 para o Conservatorio, classe Hayot e depois de Al-

fred Brun, com quem obteve a primeira medalha tres annos depois. Aperfeiçoou-se na aula do celebre Lefort, terminando o seu curso em 1902 com um brilhante primeiro premio. Mas já havia cinco annos que fazia parte da orchestra Colonne, como primeiro violino,



passando d'ahi para a Sociedade de Concertos do Conservatorio, onde se conservou até á entrada nos *Concerts Rouges*.

Entre outras obras, publicou Charles Dorsen um caderno de estudos sobre cordas dobradas, dedicando-se tambem á leccionação com inequivoco exito.



O fluido sonoro

Ainda ha muito boa gente que julga que o ar é o vehiculo natural e indispensavel do som. *Sem ar não ha som.*

Ora, provado com está pela sciencia hodierna que a transmissão do som se póde effectuar atravez de qualquer meio elastico, sem haver necessidade absoluta do elemento aereo, resta saber se existe um fluido de natureza especial que, interposto entre o corpo vibrante e o nosso ouvido, nos traga o som, com todas as suas caracteristicas de timbre, altura e intensidade. A hypothese não tem novidade alguma, mas tem sido pouco divulgada e por isso nos parece interessante trazer para estas columnas algumas considerações que a esclareçam, sem lhes querer comtudo attribuir a menor intenção dogmatica.

Folheando ha tempos um *bouquin* de Albert de Lasalle — *Dictionnaire de la Musique appliquée à l'amour* — deparou-se-nos uma nota que vamos reproduzir na integra, por constituir de algum modo a premissa em que tem de assentar o nosso assumpto: «*Les instruments animaux ou végétaux, diz elle, étant faits de substances organiques, sortent de leur assouplissement sous l'impulsion du virtuose, et donnent, pour ainsi dire, signe de vie en vertu d'un galvanisme particulier.*» Sem nos determos na extravagante classificação de *instrumentos animaes e vegetaes* que, facilmente se comprehende, são os que se fabricam com materiaes animaes, como o violino, a harpa, etc., ou com materias vegetaes como a flauta, o clarinete e outros, entremos no caso particular que nos occupa, isto é, no tal *galvanismo particular* que seria o vehiculo natural da sensação sonora.

Poucos auctores se teem occupado d'esse fluido especial, que parece ter parentella muito proxima com o fluido electrico, o fluido magnetico, o fluido luminoso, o fluido calorico, cuja existencia se negou pertinazmente nos tempos passados, mas é accete sem discussão pela sciencia de hoje. Sobre o fluido sonoro, um dos poucos que mais largamente discretoeu foi um amator-musicologo, o mar-

quez de Pontécoulant, cujas obras, datadas do meado do seculo passado, são ainda lidas com inequivoco interesse pelos musicos da actualidade. D'ella nos valeremos para definir o novo fluido e as circumstancias em que a sua existencia parece authenticar-se.

Sendo a musica a arte de reunir certos sons, conjugando-os de modo a constituir uma linguagem especial, é evidente que o som é a materia prima da musica. E o que é o som? Segundo Radeau, que nos dá na sua *Acustica* uma definição assaz interessante do phenomeno sonoro: — «O som é o movimento que se torna sensivel a distancia; o repouso é mudo — todo o ruido, todo o som annuncia um movimento.» Mas essa definição, que é aliaz imitada de Aristoteles, sendo exclusivamente philosophica, não nos ensina qual é o corpo que é posto em movimento. Na opinião de outros tratadistas não menos auctorizados: — «O som não é um corpo ou um ser material; é tão sómente a propriedade de determinados corpos, *principalmente do ar, que o produz* sob a influencia de agentes especiaes que o fazem entrar em vibração.»

E' falha de justeza essa opinião: dizer que o ar é que produz o som, equivale a dizer que o forno é que produz o pão.

Não ha duvida que o phenomeno se produz com o choque de corpos elasticos e é devido a uma serie de vibrações d'esses corpos ou de qualquer das suas partes; mas as vibrações são transmitidas a um fluido subtil, que não é positivamente o ar. E admittida a hypothese não fica prejudicada em cousa alguma a theoria dos physicos, que consideram o ar como o transmissor habitual do som: a natureza desse transmissor é que é diversa. O fluido, seja elle qual fôr, que tem a faculdade de nos transmitir o som, póde faze-lo atravez de todos os meios e de todos os corpos, e o ar pelo contrario achar-se-ha detido de encontro ao primeiro obstaculo solido. Poderão dizer-nos que o som necessita absolutamente do ar e invocarão a velha experiencia do timbre fechado dentro da machina pneumatica, cujo som deixa de ouvir-se quando se faz o vacuo. Mas é preciso que nos lembremos que uma das condições necessarias para o exito d'essa experiencia é o isolamento do corpo sonoro, que á falta do ar, encontraria transmissores de outra natureza, os proprios corpos solidos com que é construido o aparelho, que se encarregariam de nos fazer ouvir o som¹. Alem d'isso, se enchermos de agua o recipiente, o phenomeno sonoro dá-se com toda a sua plenitude. E já que falamos em agua, não é demais lembrar que os ruidos que se determinam dentro

¹ Lições de physica do abbade Nollet.

d'esse elemento, tem muito mais intensidade que os que se produzem no ar.

Quanto ao poder de transmissão que tem os corpos solidos, ninguém o desconhece.

Se rasparmos com um alfinete na extremidade de uma longa vara, distinguirá perfeitamente o ruído quem applicar o ouvido á outra extremidade da mesma vara, emquanto que qualquer outra pessoa, ainda que mais proxima, nada poderá ouvir.

A detonação de um canhão ouve-se a uma distancia de 10 myriametros, quando applicarmos o ouvido ao solo.

O que se deduz d'esses factos, aliás muito conhecidos, é que se o ar é um dos meios adequados á propagação do som, não é comtudo o unico nem o mais poderoso. E, segundo a theoria de Pontécoulant, o ar seria apenas o ambiente favoravel em que se desenvolvem as vibrações d'essa materia subtil, a que se chama *fluido sonoro*.

Este, como o calorico, estaria espalhado na massa aerea sem com ella se confundir, sendo ainda mais intenso o seu poder de transmissão, quando tem de agir atravez dos diversos corpos tanto liquidos como solidos, e até atravez da propria terra.

Ignoramos se a sciencia já assentou definitivamente n'esta doutrina; parece-nos accetavel e engenhosa.

L.



Cartas a uma senhora

177.^a

De Lisboa.

Começo esta tendo ainda no ouvido esses divinos murmurios da floresta, do divino Wagner, e aquella onda colossal de harmonias unicas, pôde por momentos afogar cá dentro a irremediavel tristeza que me domina e a um tempo me vem das cousas e das pessoas; do aspecto de certos factos e do fundo de algumas consciencias...

Ah! Eu não sei nem fingir o bastante para lhe dizer que estou alegre quando o coração me sangra, nem esquecer o sufficiente para se guir na vida descuidado ou sceptico.

Mal de mim, não disciplinei assás os ner-

vos, ou então não os anestesiiei na altura, de fórma que os espectaculos diversos a que venho assistindo me encontrem indifferente e tão alheado e distante como se tudo contemplassse das alturas de Syrius, conforme o dizer de Renan.

E se não fosse o sacratissimo refugio da poesia e da musica, nem já teria coragem para alinhavar dois periodos, porque não me seria licito esperar que elles me saíssem em termos de serem lidos, mesmo por olhos benevolos quaes sóem ser sempre os seus.

A sua paciencia! Que abuso ando a fazer d'ella, e quão mal tenho sabido servir-me da larga somma de que dispoz a meu favor!

Mas emfim v. ex.^a já agora continuará dispensando-me esses minutos da attenção que não nega mesmo aos seus pobresinhos do costume, e chegada á ultima palavra exclamará contristada: — não ha que ver, este doente é incuravel.

Ora momentaneamente olvidemos tudo e falemos antes da tocante e promettedora iniciativa do dr. José de Castro, lançando em todo o Portugal a idéa bemdita da protecção á arvore.

Conta o honrado e convicto democrata de sempre reclamar para ella, mais do que a curiosidade, os carinhos de quantos na nossa linda terra tiverem no peito uma viscera de nome coração, e pensa levar os velhos e as creanças, os homens e as mulheres, os grandes e os pequenos, a constituirem uma liga de indefectivel amor a esse grande clarificador das almas e dos ares, que em linguagem se chama uma arvore.

O santo e candido poeta que foi Francisco de Assis, tratou a terra, o sol, o vento por irmãos; é tambem nossa irmã a arvore que nos dá calor á brazeira no inverno e sombra e frescura lá dentro e cá fóra no verão; que nos construe a casa, apparella o barco, engenha o carro...

Ella é quem se desata em flôres e em frutos, quem nos nutre e quem nos abriga; quem regularisa o curso dos largos rios, orienta a marcha dos rudes ventos, fixa as stratificações da terra ou as bruscas convulsões da areia.

Ella nos oxigena o ambiente que respiramos e fortifica o sangue que em nós palpita...

E sendo uma festa para os olhos e uma alegria para os sentidos, eleva-nos, espiritualisa-nos, dando-nos emoções para a nossa sensibilidade, afinando até o culto religioso por essa porção de *divino* que todos nós, ainda os mais materializados pelas escorrencias do mundo ou pelas brutalidades da vida, instinctivamente conservamos no subsolo do nosso ser.

Tudo isto que mesmo em confuso plasma se acoita cá dentro, e em determinadas emergencias afflora á superficie, de gangão ou ás

lufadas, tudo isso a arvore docemente, affectuosamente no-lo instila com o simples factio de crescer, florir, copar...

Aquelles, portanto, que como o dr. José de Castro veem, ou crear ou renovar este culto, são benemeritos, e não só no ponto de vista da ethica social e da esthetica geografica, mas até no ponto de vista da riqueza, da saude e do bem-estar da collectividade, preparam ás gerações portuguezas um *habitat* que poderá ser duplamente encantador quer sob os aspectos moraes, quer com respeito a effeitos pinturescos.

Aventam para ahi que o lusitano é inimigo da verdura, d'essa verdura que um grande espirito educador de almas invocava ao morrer; pois mostremos aos que assim opinam que elles se enganam, e ensinemos ás creanças, logo no limiar da escola maternal, o religioso amôr ao nosso irmão vegetal. Depois d'esse, outros amôres virão, se não pudérem vir simultaneamente, o que seria o cumulo do que todos sonhamos: quero dizer, o amôr aos passaros, aos peixes, aos pequeninos insectos, aos minusculos seres, alados e não alados...

Minha senhora, no dia em que cada jardineira da infancia e cada professor primario insufflar no animo dos seus alumnos o sagrado respeito pelo mais insignificante átomo da vida em algumas das suas modalidades ou manifestações, isto não por meio de seccas e estereis predicas, reçumando fartum moral, mas por deliciosas e ternas catecheses praticas feitas de actos e de exemplos: Portugal será, não para a rhetorica mas para a verdade, esse jardim da Europa á beira-mar plantado, a que alludiu o Poeta.

Quem sabe? Talvez ambos nós ainda cá estejamos e até as circumstancias nos permittam associer-nos a qualquer jubileu festivo em que se saudem os *ingenuos* e *sympathicos* carolas da irmandade do dr. José de Castro, que em meio dos torvelinhos da politica nobremente se lembraram d'esta coisa eminentemente moralisadora e sã:—arborisar Portugal, como quem dissesse dar-lhe frescura ao espirito e elevação á alma...

Affonso Vargas



Nos dois *banquetes* musicas que o maestro Pedro Blanch offereceu aos *gourmets* de bôa musica e que se realisaram no Theatro da Re-

publica nos domingos 1 e 8 do corrente, deunos Blanch como *pratos de resistencia*, uma symphonia de Tschaikowski no primeiro e a 8.^a *symphonia* de Beethoven no segundo.

O obra de Tschaikowski não ha duvida que está trabalhada por mão de mestre e n'ella revela mais uma vez a seu auctor uma prodiga inspiração, mas a contextura geral da obra não nos agrada.

Da mesma forma que o seu quartetto de corda (a não ser o magistral *andante*) e o trio para piano, violino e violoncello, nos produziram a impressão de obras descosidas, como que feitas de retalhos, assim vemos a symphonia enfermado do mesmo mal. Mesmo o andamento em quinario, que crêmos ser aquelle que conta mais adeptos, está trabalhado sobre um thema bastante vulgar. Em resumo, a obra toda produziu-nos um cansaço de espirito que a custo pudémos vencer.

A sua execução foi cuidada e deveria ter sido altamente trabalhosa. Mas, perguntamos: não seria mais proficuo, tanto para executantes como para o publico, dispender esse trabalho com uma symphonia de Beethoven? Assim já teriamos hoje ouvido duas das grandes obras do mestre.

A 8.^a *symphonia* que como dissemos se fez ouvir no segundo concerto não é talvez d'aquellas que mais agrada ao publico pouco conhecedor da litteratura do mestre de Bonn.

A sua simplicidade mozartiana não é de molde a aquecer as grandes massas e d'ahi a relativa frieza com que foi acolhida aquella obra genial.

Não foi por certo a deficiencia de execução que causou a reserva de aplausos, pois seja dito em abono da verdade, que a orchestra teve momentos verdadeiramente felizes, principalmente no *allegretto scherzando* que foi executado com rara graciosidade, leveza e colorido.

Não desanime porém o maestro Blanch e continue na execução das symphonias de Beethoven, que, mais tarde ou mais cedo, publico e executantes terão colhido os resultados beneficos que a obra do mestre sempre produz.

De Wagner executaram-se nos dois concertos: a abertura do *Tannhauser*, «os murmurios da floresta» do *Siegfried* e a abertura do *Rienzi*.

Das tres obras citadas destacaremos como tendo tido melhor execução, a ultima d'ellas, que pela fusão de sonoridade, elasticidade do som, e bôa technica, obteve um brilhante resultado, mostrando a orchestra não só quanto vale presentemente, mas o que poderá fazer de futuro.

Nos «murmurios da floresta» do *Siegfried*, tambem se notou uma execução que honra a

orquestra e o seu dirigente, sendo este numero bisado.

No segundo programma, que foi organizado com arte e fino gosto, figuravam duas *Romances sans paroles* de Mendelssohn, que a orchestra interpretou com extraordinaria elegancia e perfeição.

Devemos mencionar tambem a *Invitation à la valse* de Weber que foi habilmente executada.

O maestro Pedro Blanch conseguiu o que até aqui se reputava o mais difficil, isto é, a compareancia do publico aos concertos.

A casa mais que regular do primeiro concerto e a enchente á cunha do segundo, provam que a corrente está feita e portanto os resultados financeiros garantidos. D'esta fórmula é mister que o maestro Pedro Blanch trate de preencher certas lacunas existentes na orchestra e que urge remediar.

Permitta-nos o maestro que o aconselhemos a conseguir dos seus artistas o emprego do trombone de varas. O trombone de pistons está completamente banido das orchestras estrangeiras visto que a sua qualidade de som não produz os efeitos brilhantes e sonoros que o de varas nos dá.

Mas, como ao nosso artista faltam em geral os recursos com que possa adquirir novos instrumentos, lembra-nos que uma subscrição aberta entre todos os verdadeiros amadores para a compra dos instrumentos necessarios, ficando estes pertencendo á orchestra, viria resolver o problema em questão.

Por ultimo resta-nos endereçar os nossos mais sinceros cumprimentos ao maestro Pedro Blanch pelo resultado dos seus dois concertos, resultado este devido sem duvida ás qualidades artisticas do maestro dirigente.

L. C.



PORTUGAL

O *Orpheon Portuense* publicou ha pouco o seu relatorio annual, fechado em junho ultimo, e no qual se vê existir em caixa um saldo de cerca 400\$000, sendo de 400 o numero de socios n'aquella época.

A *saison* musical da prestimosa associação portuense começou com os concertos do eminente violinista Georges Enesco, realizados em

em 11 e 13 do mez corrente. Por agora só temos conhecimento do primeiro programma, que constou da *Sonata em lá* menor de Haendel, *Romance em fá* de Beethoven, *Partita* de Bach, *Havanaise* de Saint-Saëns, *Follia* de Corelli, *Andantino* de Martini, *Tempo di minuetto* de Pugnani, *Caprice viennois* de Kreisler e *Rigaudon* de Francœur.

Estão já annunciados os seguintes concertos: em 21 e 23 de janeiro, Madame Bathori, (cantora) e Mademoiselle Tagliaferro (pianista); em 5 e 7 de março, o baritono Clarck; em 3 e 5 de abril, o pianista Alfred Cortot.

**

Com graciosos desenhos de D. Alice Rey Colaço, acaba de publicar-se uma série de cartões postaes, allusivos aos pregões lisboetas.

Alem do desenho a côres, cada postal tem a versão musical do pregão a que a estampa se refere.

**

Mais uma amadora de canto, que corajosamente enveredou pela carreira theatral: a sr.^a D. Maria Emilia Rodrigues Pinto, que deve estreiar-se hoje mesmo no theatro Carlos Alberto, do Porto.

A jovem cantora, que nos dizem ter uma linda voz de soprano, foi discipula da notabilissima professora, D. Carolina Palhares.

**

Com os bens das extinctas congregações religiosas, está-se fazendo . . . dinheiro, o que é afinal justo n'um paiz onde o *vil* metal está rareando de uma maneira escandalosa. Mas: *est modus in rebus*. E' preciso vêr o que se vende e como se vende.

Ainda não ha muito, do convento da Trindade, na Covilhã, se vendeu um bellissimo orgão que havia custado mais de 2 contos, pela insignificancia de 200\$000 réis! Reflectindo que o Conservatorio, por exemplo, não tem um orgão, e que o não tem justamente por falta de dinheiro, não se comprehende bem a vantagem d'essa operação. Mais ainda: tendo o governo ordenado que se recolhessem todos os instrumentos musicos pertencentes ao Estado, para crear um museu ou para lhes dar o destino que melhor convenha, não se percebe que o mesmo governo mande vender ao desbarato precisamente as peças que, pelo seu valôr intrinseco ou artistico, mais podiam valorisar a collecção a que nos vimos referindo.

E' assumpto que nos parece merecer a attenção do governo, e sobre o qual teremos que insistir mais demoradamente.

*
**

O illustre professor Moreira de Sá tomou a iniciativa de uma série de concertos de musica de camara, que vão effectuar-se, ao que nos consta, nos salões da casa Mello Abreu, do Porto.

*
**

O clarinetista e chefe de musica espanhol, D. José de la Vega, tem dado concertos em Vianna do Castello, no Sport Club e no theatro Sá de Miranda.

Dizem os jornaes do norte que tem sido ali muito apreciado.

*
**

No collegio da Boa-Vista (Porto) inauguraram-se concertos periodicos, para recreio e educação artistica dos alumnos. São os proprios professores do collegio, srs. Benjamim Gouveia, Effisio Anneda e José Gouveia, que tomaram a seu cargo a apresentação das obras mais adequadas ao fim proposto.

No dia 7 teve logar o primeiro concerto, com composições de Beethoven, Mendelssohn e Saint-Saëns, tendo unanime agrado.

*
**

Para a direcção da banda de marinheiros foi nomeado, apoz concurso, o sr. José d'Oliveira Brito, antigo chefe da banda de infantaria 17.

O sr. Manuel Lopes de Castro Vieira, que pela doença do maestro Cheu e na qualidade de contra-mestre, assumira ha annos a regencia da mesma banda de marinha, sollicitou a sua reforma.

*
**

A suppressão de um certo numero de bandas regimentaes, imposta por uma lei de abril d'este anno, tem sido mal acolhida não só pelos que se interessam pela musica, mas mesmo por todos os que se convencem de que *nem só de pão vive o homem*.

O proprio sr. ministro da guerra, que havia incluido no seu projecto de reorganisação do exercito a suppressão de algumas bandas, com uma economia de 70 contos de réis annuaes, reconhece, em presença das reclamações que lhe tem sido enviadas; que tal medida não pode ir por diante. Na camara dos deputados, tambem o sr. Caldeira Queiroz se pronunciou contra esse lei, e propoz o restabelecimento das mesmas bandas.

Quem parece que se não conforma com as bandas é o deputado, sr. Joaquim Ribeiro, as-

sim como o seu collega, sr. Alexandre de Barros, se não pode conformar com os pianos.

Um, a querer extinguir as musicas, e outro a querer tributar os pianistas, á razão de 5\$000 réis por cabeça, são *inimigos* que é preciso combater... a agulheta.

*
**

O Centro Nacional de Esgrima e a Associação dos Conductores das Obras Publicas foram intimadas para abandonarem quanto antes as dependencias que occupavam no edificio do theatro de S. Carlos—isto com o fim de entregar o mesmo theatro á empresa Boceta, que a explorou durante a época transacta.

D'essa noticia, que reproduzimos das folhas diarias, parece deduzir-se que vamos têr tambem este anno uma epoca lyrica, o que de resto não está confirmado por nenhum oufro indicio.

*
**

O concerto do professor Napoleão no theatro Nacional foi a 12 e não a 8, como haviamos annunciado.

Alem do iniciador, deviam tomar parte os srs. Benetó, L. Forsini, Antonio Lamas, Carlos Quilez e uma pequena orchestra de 18 professores, dirigida pelo maestro Sarti.

No programma havia numeros interessantes, como uma *Sonata* de Beethoven, o *Quinteto* de Schumann, etc., alem de algumas composições novas do reputado pianista.

Não tendo recebido convite para este concerto, nada podemos dizer sobre o que se passou.

*
**

Concluiu brilhantemente a sua formatura em direito o nosso prezado amigo Antonio Joyce, a quem Coimbra tanto deve com a renovação do Orpheon Academico e com a orientação eminentemente artistica que imprimiu durante alguns annos a este sympathico grupo coral.

Felicitando o novo doutor pelos seus triumphos academicos, fazemos votos para que a brilhante iniciativa, a que ligou o seu nome, não venha a sossobrar pela incuria e abandono de quem possa dignamente continual-a. O trabalho de Antonio Joyce, n'essa fundação tão meritória, só assumirá a sua grande importancia moral e educativa, quando intelligentemente continuado e amorosamente servido pela mesma tenacidade e esforço, que tanto distinguiram o nosso prestimoso amigo. Importa pois que os academicos de Coimbra se não deixem abater pelo desanimo e envidem

todas as diligencias para não deixar morrer o seu Crpheon.

*
**

Teve nova edição o *Cancioneiro de musicas populares*, publicado ha annos pelos srs. Cesar das Neves e Gualdino de Campos, do Porto.

Não isento de defeitos, é comtudo o maior repositório de musica popular que se tem publicado no nosso paiz; como tal o recommendamos a quem deseje travar conhecimento com o nosso *folk-lore*.

*
**

O nosso amigo e distincto professor do Conservatorio, sr. Antonio Duarte Reis, abriu um curso para leccionação de piano na rua de S. Julião, 19, 2.º

*
**

Recebemos e agradecemos os dois primeiros numeros da revista *A Tutoria*, periodico destinado á defeza da infancia, e excellentemente dirigido pelo sr. Pedro de Castro.

A receita liquida d'esta revista reverte a favôr da Commissão executiva da Junta Superior da Federação Nacional dos Amigos e Defensores das Creanças.

O apuro com que é redigida, o interesse palpitante do assumpto, e o fim altruista a que visa sob o ponto de vista financeiro, são outros tantos motivos para que se recommende calorosamente a sua leitura.

*
**

No domingo, 8, deu o professor Rey Colaço uma excellente audição d'alumnos na sua artistica residencia da rua nova de S. Francisco de Paula. Foram concorrentes as meninas Bryant, Sabido Costa, Roseira, Geraldine Barba, Souza Marques, Ferreira, Antonia Costa, Brito Freire, Franco, Beatriz Coelho e os alumnos Emilio Doria e Jorge Santos Moreira.

Muito agradecemos o convite, sentindo não ter podido, por affazeres imprescindiveis, assistir a esta brilhante festa escolar.

*
**

No proximo sabbado, 21, deve effectuar-se no salão da Trindade uma brilhante *matinée* promovida pela talentosa harpista, Lola G. Vercruysse, primeiro premio do Conservatorio de Madrid e actualmente professora de harpa da *Academia de Amadores de Musica*.

Alem da orchestra da Academia, espera-se para este concerto o concurso da notavel can-

tora D. Cezarina Lira e dos conceituados professores José Henrique dos Santos, Severo da Silva, L. Forsini e Carlos Quilez.

Deve ser uma tarde de optima musica.

ESTRANGEIRO

A successão de Edgar Tinel na direcção do Conservatorio de Bruxellas coube ao reputado professor Léon Dubois, ex-director da escola de musica de Louvain.

Ao mesmo tempo foi nomeado M. Gilson inspector das escolas de musica da Belgica e Eugène Ysaye mestre de capella da cõrte.

*
**

As *séances* do Quatuor Parent são destinadas durante o corrente mez á execução das obras de Brahms, com o concurso da pianista Marthe Dron e do clarinetista Jean Michelin.

Comportam as quatro audições os *Quintetos* de clarinete e de piano, os tres *Quartetos* de piano, tres *Quartetos* de cordas, o *Trio* de clarinete, violoncello e piano, as duas *Sonatas* de clarinete e as *Sonatas* de violino e de violoncello.

*
**

No recente Festival de Bristol, em Inglaterra foi offerecida uma *corôa triumphal*, ao violinista Kreisler em cujas fitas se destacava a seguinte inscripção: «ao mestre feiticeiro»; seguiam motivos dos concertos de Brahms e Beethoven.

Tocante, não é verdade?

*
**

Consta que a proxima opera de Eugenio d'Albert será escripta sobre um *libretto* de Levetzow e terá por titulo: *Sirôco*.

*
**

A Academia de Bellas Artes de Berlim acaba de premiar cinco projectos para a construcção da nova Opera.

*
**

No theatro de Dusseldorf representou-se com exito uma opera nova: *Theodor Koerner*, musica de Alfred Kuiser.

*
**

Executou-se integralmente a nova obra do compositor inglez Granville Bantock sobre

poesias de Omar Khayyam, poeta persa. A direcção estava a cargo de M. Fagge. Côro da *London Society*.

*
**

O *Monde Musical* abriu uma subscrição para editar a obra mais importante de Ernesto Fanelli: *Tableaux symphoniques sur le roman de la momie*.

1.º Edição de luxo da partitura de orchestra, 59 frs.

2.º Partitura de orchestra, 20 frs.

3.º Reducção para piano, 10 frs.

Recebem-se as subscrições na redacção da revista: Boulevard Maiesherbes, 41, Paris.

*
**

Em Bruxellas foi muito bem acolhida a versão scenica respeitosa do *canto do sino* de Vincent d'Indy, já por nós aqui annunciada.

O theatro da Monnaie prepara o drama lyrico de Saint-Saëns: *Proserpina*. O auctor, installado em Antuerpia para assistir ás representações do *Ancêtre*, tem apparecido na Opera de Bruxellas nos ensaios da sua outra obra.

*
**

Num concerto recentemente dado por Paderewsky em Londres tinha este illustre artista incluído no programma o *Concerto* de Chopin em fá menor. A intrepetação foi admiravel e depois do Larghetto o entusiasmo foi enorme. Muito ovacionado no fim do sarau, Paderewsky tocou em bis a transcrição Lisztiana da *Liebertod do Tristão*.

*
**

Na Escola de Musica de Guildhall, mr. Hamish Mc. Cunn succedeu ao professor Coleridge-Taylor na classe de Opera.

*
**

Está sendo adoptada em muitas dioceses em França a pronuncia *latina* e não *franceza* do latim. A nova pronuncia aproximar-se-ha portanto mais da nossa.

*
**

No *Politeama* de Genova representou-se uma opera nova intitulada *Il Filtro*, letra de Paul de Allen.

*
**

Em Herluan (Egypto) inaugurou-se um monumento a Mozart. Este monumento, devido ao esculptor Avère, encontra-se num parque destinado aos estrangeiros europeus.



Falleceu Cecilio de Roda, director do Conservatorio Real de Madrid. Tinha nascido a 24 de outubro de 1865, em Albuñol perto de Granada. Era formado em direito e em philosophia e membro da Academia de Bellas-Artes de Madrid. Roda fez-se notar ao principio como critico musical do jornal madrilenho *Epoca*. Deixa trabalhos musicographicos de grande valor entre os quaes os seguintes, publicados: *Los instrumentos, las danzas y las canciones en el Quijote* (1905), *La evolucion de la musica* (1906), *Un quaderno di autografi di Beethoven del 1825 (Rivista Musicale, 1904-07, separata 1907)*, *Las sonatas de piano de Beethoven* (1907), *Los cuartetos de cuerda de Beethoven* (1909).

*
**

Falleceu o sr. Antonio Vianna da Motta, irmão do illustre pianista do mesmo apellido, a quem endereçamos os mais sentidos pezames, assim como a sua respeitavel familia.

*
**

O eminente violinista Moreira de Sá tambem passou pelo profundo desgosto de perder sua mãe, uma bondosissima e respeitavel senhora a quem elle consagrava o mais vivo affecto.

Os nossos sinceros sentimentos.

*
**

Apoz doloroso soffrimento, succumbiu a sr.ª D. Maria Amalia Machado dos Reis Stomp, mãe do sr. dr. Francisco Stomp, director dos hospitaes civis de Lisboa, e avó da distinctissima pianista, sr.ª D. Octavia Stomp. Aqui lhes deixamos tambem consignado o nosso pezame.